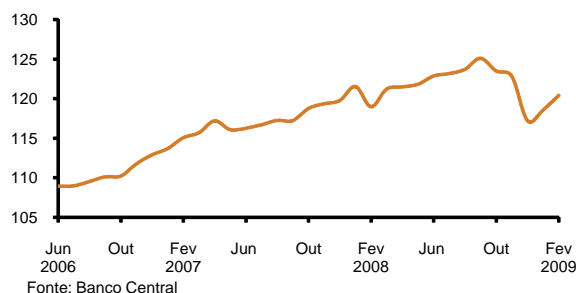


Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica da Região Sul – IBCR-S

Dados dessazonalizados
2002 = 100



Fonte: Banco Central

Tabela 5.1 – Índice de vendas no varejo – Sul

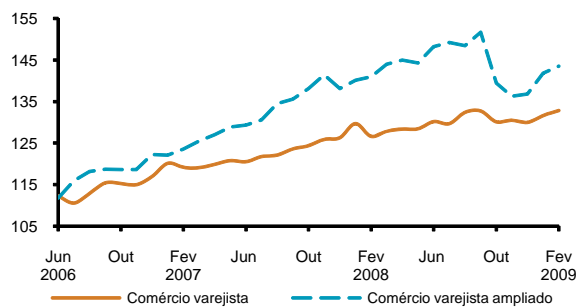
Fevereiro de 2009

Discriminação	Variação % acumulada em 12 meses		
	Receita nominal	Volume	Preço
Comércio varejista	11,0	5,5	5,2
Combustíveis e lubrificantes	4,9	3,6	1,3
Hiper, supermercados	13,2	2,3	10,7
Móveis e eletrodomésticos	6,4	8,2	-1,7
Tecidos, vestuário e calçados	6,6	1,3	5,2
Comércio varejista ampliado	11,9	7,1	4,5
Automóveis e motocicletas	13,5	11,3	2,0
Material de construção	12,2	1,6	10,4

Fonte: IBGE

Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

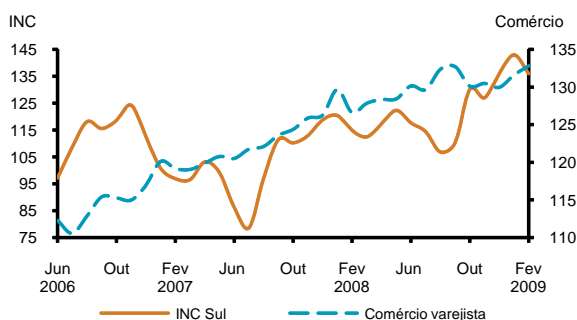
O produto da região Sul registrou aumento de 4,5% em 2008, de acordo com o Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul (IBCR-RS), 0,6 p.p. inferior ao mensurado pelo IBGE, para o país, resultado de expansões nas economias do Paraná, 6,5%; Santa Catarina, 3,7%; e Rio Grande do Sul, 3,1%. Ressalte-se que, antes que fossem evidenciados os impactos do acirramento da crise econômica internacional sobre o nível da atividade sulina nos últimos meses, o IBCR-S relativo ao período de doze meses encerrado em setembro de 2008 havia aumentado 5,6%, em relação a igual período do ano anterior. Após a materialização do impacto da crise, o indicador recuou 4,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando registrara elevação de 0,5%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista elevaram-se 0,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse resultado refletiu a ocorrência de aumentos em 6 dos 9 segmentos considerados na pesquisa, com ênfase nas expansões de, igualmente, 0,5% assinaladas nas vendas relativas a hiper e supermercados, e a tecidos, vestuário e calçados, neutralizadas, em parte, pelos recuos observados nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 3,1%, e combustíveis e lubrificantes, 1,5%. O comércio ampliado, refletindo aumento de 0,6% nas vendas de automóveis e motocicletas e redução de 12,1% nas referentes a material de construção, recuou 1,2% no trimestre. Ressalte-se que o desempenho das vendas na região, em especial daquelas de maior valor agregado, esteve condicionado pela deterioração das condições do mercado de crédito e das expectativas sobre a manutenção do emprego.

As vendas varejistas acumuladas em doze meses registraram elevação de 5,5% em fevereiro, em relação ao período correspondente de 2008, resultado 1,6 p.p. inferior ao assinalado em novembro, no mesmo tipo de comparação, e consistente com sua evolução na margem. Ressaltem-se as

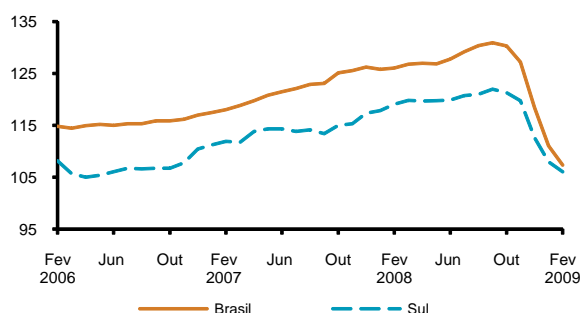
expansões observadas nos segmentos material de escritório e informática, 79,5%; móveis e eletrodomésticos, 8,2%; e combustíveis e lubrificantes, 3,6%. A variação acumulada em doze meses das vendas do comércio ampliado aumentou 7,1% em fevereiro, ante 10,8%, em novembro, registrando-se elevações de 11,3% nas vendas de automóveis e motocicletas e de 1,6% nas relativas a material de construção, ante, respectivamente, 18,2% e 9,5% no mesmo período anterior.

Gráfico 5.3 – Índice Nacional de Confiança e comércio varejista – Sul



Fonte: ACSP e IBGE

Gráfico 5.4 – Produção industrial – Sul
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2008	2009	Acum. 12 meses
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	
Indústria geral	100,0	-1,0	-11,4	0,4
Alimentos	19,6	2,6	-7,1	-0,6
Veículos automotores	13,4	-0,5	-44,7	6,0
Máquinas e equipamentos	11,7	-0,8	-23,0	1,7
Refino de petróleo e álcool	7,9	-1,9	5,1	-2,2
Outros produtos químicos	5,8	-13,7	-18,5	-15,5
Borracha e plástico	5,5	-5,9	-18,1	2,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O Índice Nacional de Confiança (INC) da região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 136 pontos em fevereiro, ante 143 pontos em janeiro. Apesar de apresentar recuo na margem, o indicador tem-se mantido em patamar superior ao observado ao longo de 2008, delineando perspectivas de retomada do crescimento do consumo na região.

A indústria da região, embora registrasse aumentos mensais em janeiro e em fevereiro, recuou 11,4% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando havia retraído 1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. O resultado trimestral refletiu, em especial, o impacto das retrações observadas nos segmentos veículos automotores, 44,7%; outros produtos químicos, 18,5%; e máquinas e equipamentos, 23%, neutralizado, em parte, pelos crescimentos relativos aos segmentos refino de petróleo e álcool, 5,1%; e bebidas, 4,6%.

A desaceleração recente da atividade industrial se traduziu em seu crescimento acumulado em períodos de doze meses, que passou de 5,2%, em novembro, para 0,4%, em fevereiro. Doze das dezenove atividades consideradas na pesquisa apresentaram resultados negativos, nessa última base de comparação, com ênfase nos observados nos segmentos outros produtos químicos, 15,5%; madeira, 15,1%; e calçados e artigos de couro, 11,6%.

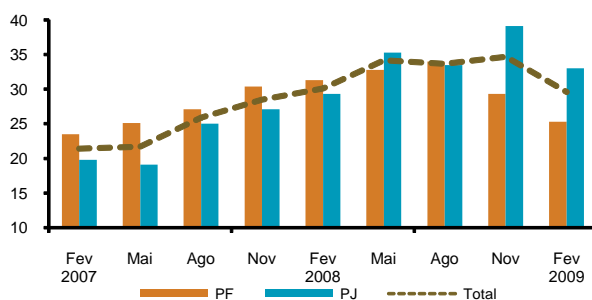
A evolução dos indicadores da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes) do IBGE ratifica o processo de desaceleração da indústria da região Sul. Nesse sentido, os índices associados às horas trabalhadas, ao pessoal ocupado e à folha de pagamentos real registraram reduções respectivas de 3,4%, 3,1% e 2,8% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro, considerados dados dessazonalizados.

O Ipei da região Sul, divulgado pela CNI, atingiu 45,7 pontos, em uma escala de zero a cem, em janeiro, recuando 4,6 pontos em relação a outubro e 15,4 pontos

comparativamente a janeiro de 2008. Esse resultado, embora revele deterioração das expectativas dos empresários industriais em relação à evolução da economia do país, evidencia a persistência de seu otimismo quanto ao desempenho da própria empresa. Nesse sentido, os componentes que traduzem esses sentimentos atingiram, na ordem, 43,7 pontos e 55,1 pontos, em janeiro, ante, 56,3 pontos e 66,7 pontos, respectivamente, em igual período de 2008.

Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses - %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul
Itens selecionados

Discriminação	Produção		Variação % 2009/2008
	2008	2009 ^{1/}	
Grãos	61 242	55 828	-8,8
Arroz (em casca)	8 562	8 975	4,8
Feijão	1 055	1 106	4,9
Milho	25 025	20 932	-16,4
Soja	20 442	19 529	-4,5
Trigo	5 450	4 653	-14,6
Outras lavouras			
Fumo	824	818	-0,8
Maçã	1 120	1 176	5,1
Uva	936	880	-6,0
Mandioca	5 248	6 066	15,6

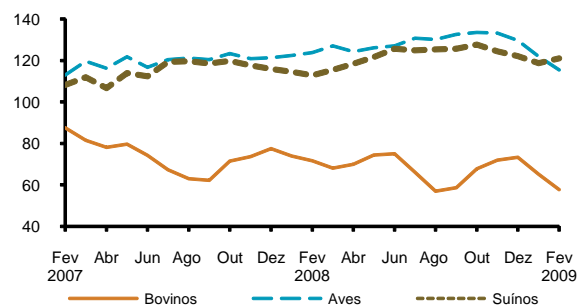
Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2009.

Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$213,1 bilhões em fevereiro, elevando-se 1,4% no trimestre e 29,6% em doze meses, comparativamente a aumentos respectivos de 10,2% e 34,8%, em novembro. Os empréstimos para pessoas físicas somaram R\$91,9 bilhões, com expansões de 2,3% no trimestre e de 25,3% em doze meses, enquanto os destinados ao segmento de pessoas jurídicas cresceram, na ordem, 0,7% e 33%, totalizando R\$121,2 bilhões. Ressaltem-se, no trimestre encerrado em fevereiro, os recuos nas contratações referentes às modalidades financiamentos rurais, agroindustriais e de projetos, influenciado, em parte, pelo padrão sazonal.

A produção de grãos da região deverá registrar redução anual de 8,8% em 2009, de acordo com o LSPA de março, do IBGE, com ênfase nos recuos projetados para as safras de milho, 16,4%; trigo, 14,6%; e soja, 4,5%. A evolução das cotações dos principais produtos agrícolas no primeiro trimestre de 2009, em relação ao último de 2008 assinalou reduções médias para o feijão, 19,4%; e arroz, 7,9%; enquanto em sentido inverso, as relativas a soja, milho e trigo cresceram 9%, 5,2% e 5,6%, respectivamente. Nesse sentido, assinalem-se as reduções médias registradas no trimestre encerrado em março, em relação ao finalizado em dezembro, nas cotações do feijão, 19,4%; arroz, 7,9%; enquanto, em sentido inverso, as relativas a soja, trigo e milho cresceram 9%, 5,6% e 5,2%.

Os abates de bovinos e aves registraram reduções respectivas de 30,3% e 13,1% no primeiro bimestre de 2009, em relação a igual período do ano anterior, enquanto os relativos a suínos elevaram-se 4,5%, de acordo com estatísticas do Mapa. Ressalte-se que, em 2008, os abates de bovinos haviam recuado 6%, em relação ao ano anterior, enquanto os relativos a aves e suínos haviam aumentado, na ordem, 9,1% e 6,6%.

O superávit do comércio externo da região atingiu US\$824,8 milhões no primeiro trimestre de 2009, aumentando 48,4% em relação ao registrado em igual

período do ano anterior, reflexo de retrações de 27,6% nas exportações e de 33% nas importações. O recuo desses fluxos refletiu a ocorrência de declínios tanto nos volumes transacionados quanto nos preços de importantes produtos da pauta comercial, a exemplo de óleo bruto de petróleo, 51%; carne de frango, 31,7%; e soja, 4,2%.

Tabela 5.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	8 406	6 082	-27,6	-19,4
Básicos	2 834	2 372	-16,3	1,8
Industrializados	5 571	3 711	-33,4	-27,8
Semimanufaturados	802	446	-44,4	-22,9
Manufaturados ^{1/}	4 769	3 265	-31,5	-29,1

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O desempenho das exportações traduziu as reduções assinaladas nos embarques de produtos semimanufaturados, 44,4%, impactados pelo desempenho negativo do item óleo de soja, 65,5%, e couros, 50,1%; manufaturados, 31,5%, em especial veículos, 44,6%, e calçados, 33,3%; e básicos, 16,3%, com ênfase nos recuos das vendas de trigo, 74,8%; e carnes, 20,6%. As exportações direcionadas à Argentina, EUA e Alemanha, mesmo registrando retrações respectivas de 49%, 29,5% e 27,5%, em relação ao primeiro trimestre de 2008, representaram, em conjunto, 23,4% das vendas da região.

Tabela 5.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	7 850	5 258	-33,0	-21,6
Bens de capital	1 127	1 167	3,6	-6,6
Matérias-primas	3 936	2 634	-33,1	-27,3
Bens de consumo	883	786	-11,0	-1,0
Duráveis	571	420	-26,4	-11,5
Não duráveis	312	366	17,2	11,1
Combustíveis	1 904	670	-64,8	-39,8

Fonte: MDIC/Secex

A redução registrada pelas importações nos três primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2008, traduziu declínios nas aquisições de combustíveis, 64,8%, evidenciando o declínio de preços; de matérias-primas, 33,1%, refletindo a redução de 61,4% nas importações de naftas; e de bens de consumo duráveis, 26,4%, impactadas pelo recuo de 31,6% nas aquisições de automóveis. Em sentido inverso, as compras de bens de consumo não duráveis elevaram-se 17,2%, com ênfase no aumento de 68,4% nas relativas a maltes, enquanto as associadas a bens de capital cresceram 3,6%. As importações originárias da Nigéria e da Argentina, em cenário de redução do preço e do volume das compras de óleo bruto de petróleo, apresentaram decréscimos respectivos de 66,9% e 37,5%, no período, passando a representar 25,1% das compras da região, ante 34,5% nos três primeiros meses de 2008.

O impacto do acirramento da crise mundial sobre a economia da região se disseminou, nos últimos meses, sobre as condições do mercado de trabalho. De acordo com o Caged/MTE, foram eliminados 85,6 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante criação de 42,4 mil em igual período do ano anterior, dos quais 78,8% na indústria de transformação. O desempenho do emprego nesse setor refletiu, em especial, a extinção de 17,1 mil vagas observada no ramo de alimentos e bebidas, que refletiu a redução, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, da industrialização de frangos e suínos e o desligamento, no Paraná, de empregados contratados pelas indústrias usineiras para a colheita de cana-de-açúcar. Adicionalmente, as indústrias metalúrgica, têxtil, mecânica e de madeira e

Tabela 5.6 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008				2009
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	42,4	120,2	88,0	75,9	-85,6
Ind. de transformação	4,9	49,8	27,1	-4,5	-67,5
Comércio	7,5	23,2	20,5	37,0	-8,5
Serviços	16,2	33,3	30,6	29,7	0,5
Construção civil	5,5	12,2	15,1	2,7	-3,9
Agropecuária	8,2	-1,8	-8,7	9,9	-4,1
Serv. ind. de util. pública	0,1	0,2	0,8	0,3	0,2
Outros ^{2/}	-0,1	3,3	2,6	0,7	-2,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Tabela 5.7 – IPCA – Sul

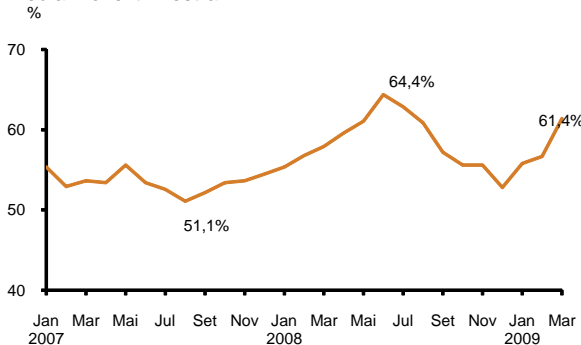
Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008			2009
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	2,53	1,14	0,88	1,00
Livres	72,3	3,17	1,27	1,05	0,90
Comercializáveis	34,9	3,67	0,76	1,11	-0,03
Não comercializáveis	37,4	2,70	1,76	1,00	1,78
Monitorados	27,7	0,93	0,82	0,42	1,25
Principais itens					
Alimentação	22,2	6,72	0,71	1,83	1,09
Habitação	13,8	1,69	1,51	0,91	0,94
Artigos residência	4,6	0,91	0,64	-0,31	0,09
Vestuário	6,8	3,79	0,94	2,81	-1,18
Transportes	20,2	0,77	1,72	-0,31	-0,03
Saúde	10,3	1,89	1,05	0,53	1,12
Despesas pessoais	10,5	2,03	1,82	1,59	1,95
Educação	6,6	-0,01	0,33	0,12	6,08
Comunicação	5,0	0,35	0,24	0,14	0,25

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2009.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul

Média móvel trimestral



mobiliário eliminaram, em conjunto, 31,5 mil empregos formais, seguindo-se o comércio, responsável pelo corte de 8,5 mil postos de trabalho, no período.

O mercado formal de trabalho da região Sul registrou a criação de 275,4 mil postos de trabalho em 2008, resultado 8,3% inferior ao registrado em 2007. Ressalte-se que, em linha com a análise na margem, haviam sido gerados, nos onze primeiros meses de 2008, 26,1 mil empregos formais a mais do que em igual período de 2007, enquanto apenas em dezembro foram eliminadas 105,3 mil vagas, ante 54,3 mil em igual mês de 2007, das quais 54,2% na indústria de transformação e 16,4% no setor de serviços.

O nível de emprego recuou 0,2% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando crescera 1,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, com ênfase na retração de 2,1% assinalada na indústria de transformação. O nível de emprego recuou, em âmbito nacional, 0,4% no período.

A inflação da região Sul, medida pelo IPCA, atingiu 1% no trimestre encerrado em março, ante 0,88% naquele finalizado em dezembro de 2008. A elevação da taxa refletiu a aceleração, de 0,42% para 1,25%, na variação dos preços monitorados e a desaceleração, de 1,05% para 0,9%, na relativa aos preços livres. Entre os itens monitorados, assinala-se o impacto de 0,36 p.p. associado aos reajustes das tarifas de ônibus urbano, 11,91%; ônibus intermunicipal, 3,11%; e plano de saúde, 1,46%, neutralizado, em parte, pela contribuição de -0,13 p.p. inerente às reduções de 1,48% nas contas de luz – associada à redução dos percentuais do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPPA) – e de 1,42% no preço da gasolina.

O desempenho dos preços livres refletiu, em especial, a desaceleração, de 1,11% para -0,03%, na variação do grupo de bens comercializáveis, favorecida pelas reduções nos preços relativos a automóvel novo, 4,39%; vestuário, 1,18%; e carnes, 1,07%, item que havia aumentado 5,22% no trimestre encerrado em dezembro. Em sentido oposto, a variação dos preços dos bens não comercializáveis passou de 1% para 1,78%, refletindo, em grande parte, a contribuição de 0,39 p.p. exercida pelo aumento nos preços do grupo educação, traduzindo as elevações nos itens cursos, 7,22%; cursos diversos, 5,86%; e leitura, 2,51%. O índice de difusão dos itens do IPCA atingiu 61,4%, elevando-se 8,6 p.p. no período.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da região Sul atingiu 5,66% em março, ante 6,04% em dezembro, reflexo dos aumentos de 3,45% nos preços monitorados e de 6,53% nos livres, estes traduzindo elevações respectivas de 7,35% e 5,66% nos grupos de bens não comercializáveis e comercializáveis.

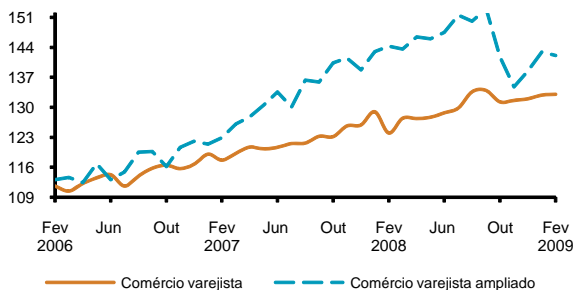
Ratificando as expectativas delineadas no Boletim Regional de janeiro, os impactos da crise da economia mundial sobre a região tornaram-se mais acentuados a partir da incorporação de dados relativos a dezembro de 2008 e aos primeiros meses de 2009. Ressalte-se, adicionalmente, que as perspectivas em relação à safra agrícola da região, mais desfavoráveis do que as traçadas para o país, deverão impactar negativamente as atividades mais dependentes de seu dinamismo, em especial, comércio, transporte e exportações. Os indicadores relacionados à avaliação dos empresários sinalizaram sua menor confiança na trajetória de médio prazo da economia brasileira, porém, otimismo em relação a seus negócios. Por outro lado, atividades com maior sensibilidade às condições de crédito tendem a ser beneficiadas pelos efeitos da flexibilização da política monetária.

Paraná

O PIB do Paraná, embora passasse a evidenciar, nos últimos meses do ano, o impacto do agravamento da crise na economia mundial, cresceu 5,8% em 2008, ante 6% no ano anterior, segundo estimativas do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes). Essa expansão, 0,7 p.p. superior à assinalada no país, refletiu o crescimento generalizado observado em todos os segmentos da economia do estado, com ênfase no aumento das exportações, favorecido pela evolução dos preços de importantes *commodities* exportadas pelo estado; no dinamismo da demanda interna, estimulada pelas condições favoráveis dos mercados de crédito e de trabalho; e pelo desempenho da agricultura.

Gráfico 5.8 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.8 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Fevereiro de 2009

Discriminação	Variação % 12 meses		
	Receita nominal	Volume	Preço
Comércio varejista	11,8	6,2	5,3
Combustíveis e lubrificantes	4,8	3,8	0,9
Hiper, supermercados	13,7	2,3	11,2
Tecidos, vestuário e calçados	6,5	2,3	4,1
Móveis e eletrodomésticos	5,6	7,2	-1,5
Comércio varejista ampliado	11,5	6,8	4,4
Automóveis e motocicletas	14,6	9,9	4,3
Material de construção	9,3	-3,8	13,6

Fonte: IBGE

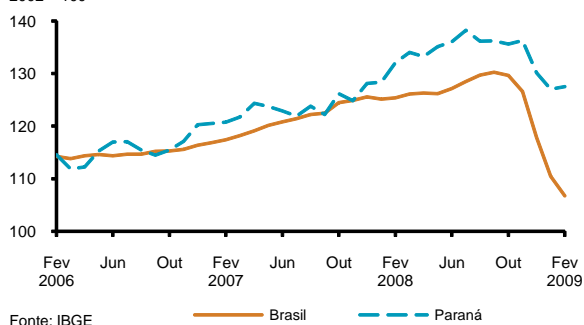
As vendas do comércio varejista aumentaram 0,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam crescido 1,2%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. A expansão observada no trimestre traduziu, em especial, o impacto da elevação de 1,1% nas vendas relativas a hipermercados e supermercados, menos sensíveis às condições de crédito e às flutuações das expectativas dos consumidores, neutralizado, em parte, pelas reduções nas associadas a móveis e eletrodomésticos, 4,5%, e tecidos, vestuário e calçados, 1,7%. As vendas do comércio ampliado, refletindo os recuos relativos aos segmentos de material de construção, 10,7%, e veículos, motos, partes e peças, 6%, decresceram 1,4% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas cresceram 6,2% em fevereiro, em relação a igual período do ano anterior, seguindo em trajetória decrescente desde outubro, quando aumentaram 7,5%, ressaltando-se os crescimentos respectivos de 112,3% e 17,9% registrados nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, e de outros artigos de uso pessoal e doméstico. O comércio ampliado, após crescer 12,9% em outubro, assinalou expansão de 6,8% em fevereiro, impactado pela perda de dinamismo das vendas de materiais de construção e de veículos, que registraram variações respectivas de -3,8% e de 9,9%, ante, na ordem, 5% e 18,5% em novembro.

A produção da indústria paranaense decresceu 6,4% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando registrara crescimento de 0,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Dentre quatorze

Gráfico 5.9 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.9 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2008		2009
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	0,1	-6,4	5,7
Produtos alimentícios	17,3	3,5	-7,6	-3,6
Veículos automotores	19,8	4,0	-53,0	9,1
Celulose e papel	7,1	3,1	-3,9	14,1
Edição e impressão	8,1	-9,3	68,9	60,1
Refino de petróleo e álcool	9,4	6,7	-2,0	3,6
Máquinas e equipamentos	10,7	-1,6	-20,9	0,7
Madeira	5,1	-3,2	-10,4	-9,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

atividades pesquisadas, apenas edição e impressão, outros produtos químicos e bebidas apresentaram resultados positivos no trimestre, expressos em expansões respectivas de 68,9%, 68,2% e de 6,9%, compatíveis com os aumentos sazonais das encomendas de livros didáticos para o início do ano letivo e da produção de adubos e fertilizantes. Os recuos mais representativos foram observados nos segmentos veículos automotores, 53%, máquinas e equipamentos, 20,9%, e alimentos, 7,6%. Observe-se que, apesar do estímulo proporcionado pela redução da alíquota do IPI às vendas de veículos, a produção do segmento esteve influenciada, expressivamente, pelo esforço de ajuste dos estoques.

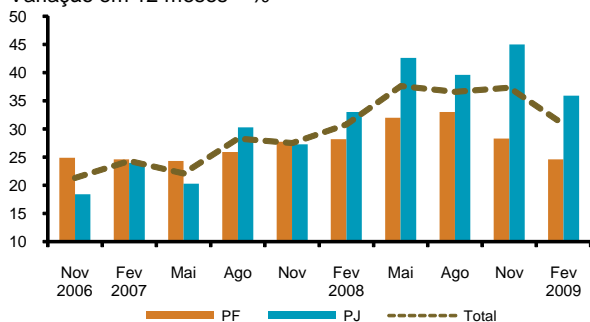
A indústria do estado, após crescer 10,1% no período de doze meses encerrado em setembro, em relação a igual intervalo de 2007, passou a apresentar trajetória declinante, expandindo-se, na mesma base de comparação, 5,7% em fevereiro, com ênfase nos aumentos relacionados às produções dos segmentos edição e impressão, 60,1%; celulose e papel, 14,1%; borracha e plástico, 9,7%; veículos automotores, 9,1%; e refino de petróleo e álcool 3,6%. Ressalte-se que o recuo de 4,4 p.p. observado no período traduziu, em especial, as reduções respectivas de 29,4 p.p. e 17,7 p.p. registradas nos segmentos veículos automotores, e máquinas e equipamentos.

Os indicadores divulgados pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) refletem, igualmente, o desaquecimento na atividade industrial. As vendas reais recuaram 3,5% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando declinaram 0,8%, nessa base de comparação, considerados dados dessazonalizados. Quinze dos dezoito setores acompanhados apresentaram reduções de faturamento, com ênfase nas registradas em produtos de madeira, 18,4%; refino de petróleo, 8,5%; e alimentos, 6,9%. As horas trabalhadas na produção assinalaram variações respectivas de -8,9% e 1,3% nos trimestres considerados, enquanto o Nuci recuou 6,4 p.p., para 73,9%, refletindo, em especial, as retrações observadas nos segmentos veículos automotores, 24,5 p.p., e alimentos, 6,5 p.p.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná totalizou R\$78,9 bilhões em fevereiro, elevando-se 1,3% no trimestre e 30,8% em doze meses, ante variações respectivas, nas mesmas bases de comparação, de 10,1% e 37,3%, em novembro. Essas operações, que equivaleram a 37% do total da região Sul, somaram R\$34,3 bilhões no segmento de pessoas físicas, representando expansões de 2,2% no trimestre e de 24,6% em

Gráfico 5.10 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

doze meses, ante aumentos respectivos de 7,8% e 28,4% em novembro. Os empréstimos concedidos às pessoas jurídicas, que totalizaram R\$44,6 bilhões, registraram crescimentos de 0,6% no trimestre e de 35,9% em doze meses, ante expansões respectivas de 11,9% e 45% em novembro.

Tabela 5.10 – Produção agrícola – Paraná

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Variação % 2009/2008
	2008	2009 ^{1/}	
Grãos	31 889	26 328	-17,4
Feijão	771	802	4,0
Milho	15 613	12 539	-19,7
Soja	11 722	9 866	-15,8
Trigo	3 068	2 546	-17,0
Outros	715	575	-19,6
Outras lavouras			
Batata	688	603	-12,4
Café (em grão)	157	104	-33,8
Cana-de-açúcar	51 244	56 834	10,9
Fumo	148	144	-2,7
Mandioca	3 326	4 179	25,6

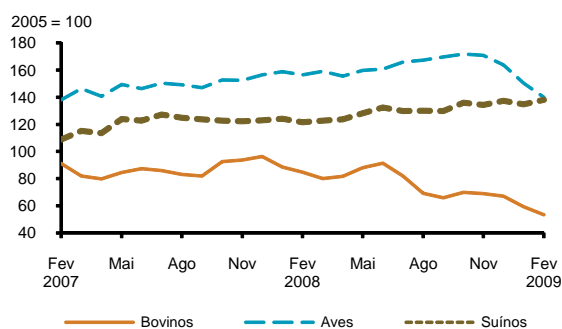
Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2009.

A produção de grãos do Paraná deverá totalizar 26,3 milhões de toneladas em 2009, de acordo com o LSPA de fevereiro do IBGE, recuando 17,4% em relação à safra anterior. O desempenho desfavorável do setor, que deverá reduzir a participação do estado na produção nacional de grãos de 21,9%, em 2008, para 19,3%, é atribuída, fundamentalmente, à redução no rendimento das safras mais representativas na estrutura agrícola paranaense. Nesse sentido, a estiagem observada após o plantio da safra de verão deverá reduzir a produtividade das culturas de soja, milho e feijão em 17,7%, 30,8% e 35,6%, respectivamente, enquanto a retração na relativa à colheita de trigo, em fase inicial de plantio, é estimada em 19,2%, reflexo, em parte, do resultado excepcional experimentado pela cultura no ano anterior. Ressalte-se que as projeções da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), em linha com as realizadas pelo IBGE, indicam redução anual de 15% para a safra de grãos do estado em 2009.

Ainda segundo a Seab, os preços médios recebidos pelos produtores paranaenses para a soja e o milho, após elevarem-se no primeiro bimestre do ano, condicionados pela quebra das safras de verão na América do Sul, voltaram a recuar em março, após o anúncio da área recorde a ser ocupada pela soja nos EUA. Os preços médios do feijão e do milho recuaram, na ordem, 32,9% e 18,8% no trimestre encerrado em março, em relação a igual período de 2008, enquanto as cotações do trigo, que decresceram continuamente durante o segundo semestre de 2008, condicionadas pelos bons resultados da colheita e pelo nível dos estoques, embora apresentassem relativa recuperação, retraíram 20,5%, no período. A evolução dessas cotações, ao desestimular o investimento nas respectivas culturas, fortalece o cenário de retração na produtividade agrícola do estado.

Gráfico 5.11 – Abates de animais – Paraná



Fonte: Mapa

Os abates de frangos e de suínos, em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram aumentos anuais respectivos de 9,5% e 7,8% em 2008, enquanto os relacionados a bovinos recuaram 12,4%, de acordo com estatísticas do Mapa, contribuindo para que a participação do Paraná no total desses abates realizados no país atingisse, na ordem, 26,7%, 16,8% e 4,2%. Os abates de suínos, aves e bovinos apresentaram variações respectivas de 9,6%, -14,1%

e -44,7% no primeiro bimestre de 2009, em relação a igual período de 2008, ressaltando-se que, de acordo com a Seab, os preços médios recebidos pelos produtores paranaenses dos respectivos segmentos, no primeiro trimestre de 2009, assinalaram variações de -19,6%, 9,7% e 10,1%, em relação a igual período de 2008.

O superávit da balança comercial paranaense atingiu US\$392 milhões nos três primeiros meses do ano, ante US\$352 milhões em igual período de 2008, reflexo de reduções de 29% nas exportações e de 34,2% nas importações, que se situaram, na ordem, em US\$2,2 bilhões e US\$1,8 bilhão.

Consideradas por categorias de fator agregado, as vendas externas do estado registraram recuo generalizado no período, com ênfase na retração dos embarques de produtos manufaturados, 40,9%, impactados pelas reduções nas exportações de óleo de soja refinado, 65,8%; madeira compensada, 54,9%; e automóveis de passageiros, 49,6%. As vendas de semimanufaturados decresceram 24,7% no trimestre, refletindo, em especial, o impacto das reduções nos embarques de óleo de soja em bruto, 63,9%, e madeira laminada e serrada, 40,9%, atenuado, em parte, pelo crescimento de 60,9% nas vendas de açúcar em bruto. A redução das exportações de produtos básicos atingiu 9,7%, resultado decorrente tanto do recuo de preços de importantes *commodities* da pauta do estado, quanto da acentuada retração da safra agrícola, em virtude da severa estiagem observada nas regiões produtoras de grãos. Os principais destinos das vendas externas paranaenses, no período, foram Alemanha, Argentina, EUA, Holanda, Venezuela, China e França, responsáveis, em conjunto, por 38,8% do total exportado.

A dinâmica das importações no primeiro trimestre do ano também se caracterizou por reduções generalizadas das aquisições em todas as categorias de produtos, com ênfase nas relativas a matérias-primas e bens intermediários, 36%, refletindo o impacto da retração recente da indústria automobilística sobre as importações de partes e peças para veículos; e a retração na importação de combustíveis e lubrificantes, 55,9%. As importações de bens de consumo duráveis recuaram 45,3%, impactadas pela redução da demanda interna por automóveis de passageiros e de aparelhos eletromecânicos ou térmicos de uso doméstico, enquanto as compras de bens de consumo não duráveis retraíram 18,9%. As importações paranaenses originaram-se, principalmente, da China, Nigéria, Argentina, Alemanha, EUA e Itália, responsáveis, em conjunto, por 58,5% das compras do estado no trimestre.

Tabela 5.11 – Balança comercial – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Exportação	3 099	2 199	-29,0	-19,4
Importação	2 747	1 807	-34,2	-21,6
Saldo	352	392	11,4	28,1
Corrente de comércio	5 846	4 006	-31,5	-20,5

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.12 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	3 099	2 199	-29,0	-19,4
Básicos	1 022	923	-9,7	1,8
Industrializados	2 077	1 276	-38,6	-27,8
Semimanufaturados	304	229	-24,7	-22,9
Manufaturados ^{1/}	1 773	1 047	-40,9	-29,1

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.13 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	2 747	1 808	-34,2	-21,6
Bens de capital	432	437	1,2	-6,6
Matérias-primas	1 424	911	-36,0	-27,3
Bens de consumo	356	224	-37,1	-1,0
Duráveis	245	134	-45,3	-11,5
Não duráveis	111	90	-18,9	11,1
Combustíveis	535	236	-55,9	-39,8

Fonte: MDIC/Secex

De acordo com o Caged/MTE, a economia paranaense, refletindo o menor dinamismo da atividade econômica no último trimestre do ano, gerou 110,9 mil empregos formais em 2008, ante 122,5 mil no ano anterior, ressaltando-se que até setembro, o saldo de contratações crescera 17% relativamente a igual período de 2007.

Tabela 5.14 – Evolução do emprego formal – Paraná
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008				2009
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-4,2	68,2	45,7	23,2	-45,7
Ind. de transformação	-6,4	24,0	13,1	1,6	-27,8
Comércio	2,3	10,4	10,8	12,4	-3,8
Serviços	3,8	16,9	13,9	7,5	-2,1
Construção civil	2,6	5,6	6,2	1,3	-1,9
Agropecuária	-6,7	10,7	1,0	0,4	-9,3
Serv. ind. de util. pública	0,0	0,2	0,3	0,1	-0,1
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Tabela 5.15 – IPCA – Paraná

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2008			2009
		II Trí	III Trí	IV Trí	I Trí
IPCA	100,0	2,31	0,95	0,52	1,26
Livres	71,0	3,16	0,84	0,82	1,09
Comercializáveis	33,7	3,83	0,25	0,65	0,31
Não comercializáveis	37,3	2,57	1,41	1,00	1,83
Monitorados	29,0	0,21	1,18	-0,27	1,59
Principais itens					
Alimentação	21,1	6,64	0,39	1,76	1,27
Habituação	13,4	1,48	1,57	0,58	2,14
Art.residência	4,4	1,02	0,13	-1,94	1,63
Vestuário	6,3	3,78	-0,67	2,07	-0,91
Transportes	23,0	0,38	1,67	-0,68	0,03
Saúde	9,9	1,81	0,92	0,40	0,91
Desp. pessoais	10,3	1,93	2,30	1,28	2,28
Educação	6,4	0,06	0,10	0,07	5,47
Comunicação	5,1	0,31	-0,19	0,24	0,08

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2009.

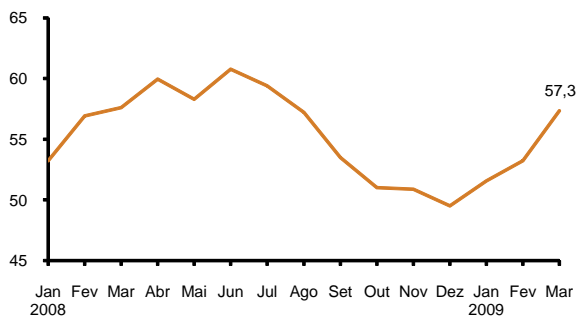
A análise na margem ratifica os desdobramentos negativos do agravamento da crise financeira internacional sobre o mercado de trabalho do estado. Nesse sentido, foram eliminados 45,7 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante 4,2 mil em igual período de 2008, dos quais 27,8 mil na indústria de transformação, concentrados nos segmentos alimentos e bebidas, 10,6 mil, madeira e mobiliário, 3,7 mil, e têxtil e vestuário, 3,5 mil; e 9,3 mil na agropecuária. O nível de emprego no estado, considerados dados dessazonalizados, registrou estabilidade no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando se elevava 1,4%, no mesmo tipo de comparação.

A variação do IPCA da Região Metropolitana de Curitiba atingiu 1,26% no trimestre terminado em março, ante 0,52% naquele encerrado em dezembro de 2008. Essa evolução esteve associada à reversão, de -0,27% para 1,59%, na variação dos preços monitorados, e à aceleração, de 0,82% para 1,09%, na relativa aos preços livres.

A evolução trimestral dos preços monitorados evidenciou o impacto de 0,57 p.p. associado aos aumentos nos itens ônibus urbano, 14,69%; ônibus intermunicipal, 6,83%; gás de bujão, 5,66%; produtos farmacêuticos, 1,59%; e plano de saúde, 1,4%. O desempenho dos preços livres refletiu a desaceleração, de 0,65% para 0,31%, nos preços de bens comercializáveis, influenciada, em especial, pelo recuo de 3,52% nos preços de veículos novos, favorecidos pela redução temporária do IPI, e pelo menor crescimento das taxas no grupo alimentação, contrastando com a aceleração, de 1,00% para 1,83%, nos preços dos bens não comercializáveis, pressionados pelas altas nos grupos educação, 5,47%, seguindo o comportamento sazonal; despesas pessoais, 2,28%; e habitação, 2,14%. A média trimestral do índice de difusão, revelando maior disseminação dos aumentos de preços entre os itens pesquisados, atingiu 57,3% no trimestre encerrado em março, ante 49,5% naquele finalizado em dezembro.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA registrou expansão de 5,12% em março, comparativamente a 5,40% em dezembro de 2008, recuo associado ao

Gráfico 5.12 – Índice de difusão IPCA – Curitiba
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

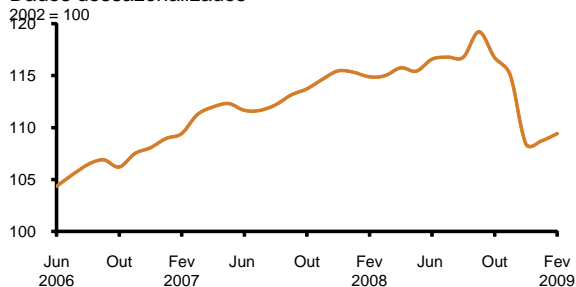
arrefecimento, de 7,12% para 6,03%, na variação dos preços livres, e à aceleração, de 1,17% para 2,72%, na relativa aos monitorados.

Os indicadores da atividade econômica paranaense passaram a evidenciar mais acentuadamente, nos últimos meses, os impactos do agravamento da crise financeira internacional, intensificados pela deterioração adicional derivada dos efeitos da estiagem sobre a safra de grãos do estado. As restrições ao crédito, a retração da demanda externa e o recuo da renda agrícola traduziram-se em reduções expressivas nas indústrias de alimentos industrializados, veículos, e máquinas e equipamentos, segmentos representativos na cadeia produtiva do estado, podendo exercer desdobramentos relevantes sobre o nível de emprego da indústria de transformação e da agropecuária. Mesmo nesse ambiente, as medidas anticíclicas, monetárias e fiscais, em particular as direcionadas ao setor automobilístico, delineam perspectivas mais favoráveis à retomada gradual do comércio e da indústria do estado nos próximos meses.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.13 – Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul – IBCR-RS

Dados dessazonalizados

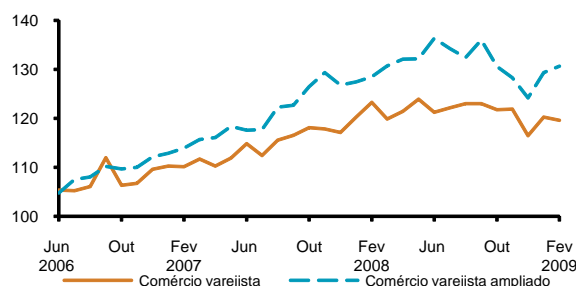


Fonte: Banco Central

Gráfico 5.14 – Comércio Varejista - RS

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.16 – Índice de vendas no varejo – Rio Grande do Sul

Fevereiro de 2009

Discriminação	Variação % acum. 12 meses		
	Receita nominal	Volume	Preço
Comércio varejista	10,3	4,6	5,4
Combustíveis e lubrificantes	5,2	3,2	1,9
Hiper, supermercados	12,6	2,1	10,3
Tecidos, vestuário e calçados	7,4	0,1	7,3
Móveis e eletrodomésticos	8,8	9,8	-0,9
Comércio varejista ampliado	11,9	7,1	4,5
Automóveis e motocicletas	14,4	13,1	1,1
Material de construção	15,6	6,7	8,3

Fonte: IBGE

A economia gaúcha registrou crescimento de 3,1% em 2008, de acordo com o IBCR-RS, ante expansão de 7% no ano anterior, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heusen (FEE), desaceleração acentuadamente maior do que a experimentada pelo PIB do país. O desempenho desfavorável da economia do estado em 2008 refletiu, em especial, a redução da renda agrícola e seus desdobramentos sobre o dinamismo dos segmentos mais dependentes desse setor. Adicionalmente, ressaltam-se os impactos, a partir dos últimos meses do ano, do acirramento da crise econômica internacional sobre a evolução da indústria, do mercado de trabalho, e do comércio. Ratificando este comportamento, o IBCR-RS recuou 7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, considerados dados dessazonalizados.

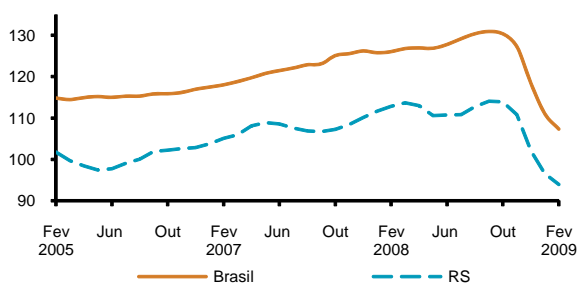
As vendas do comércio varejista recuaram 2,8% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam se mantido estáveis, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Registraram-se reduções das vendas em todos os segmentos considerados na pesquisa, com ênfase em combustíveis e lubrificantes, 6,6%; e móveis e eletrodomésticos, 5,1%. Incorporadas as reduções respectivas de 2,2% e 13,2% observadas nos segmentos veículos, motos, partes e peças, e material de construção, o comércio ampliado apresentou recuo de 2,7% no período.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 4,6% em fevereiro, em relação a igual período precedente, ante 7,3% em novembro, movimento consistente com a retração registrada na margem. As vendas mantiveram, em todos os segmentos, variações positivas no período, com ênfase nas expansões assinaladas em equipamentos para escritório, informática e comunicação, 18,7%; e artigos médicos, perfumaria e cosméticos, 12,6%. As vendas acumuladas do comércio ampliado cresceram 7,1% em fevereiro, ante 10,6% em novembro, favorecidas pelas expansões assinaladas nos segmentos veículos, motos, partes e peças, 13,1%; e material de construção, 6,7%.

De acordo com a pesquisa Expectativa Empresarial para o Setor Terciário Gaúcho⁴, elaborada pela Federação do Comércio do Estado do Rio do Grande do Sul

4/ A pesquisa investigou a opinião de 550 empresários ou gerentes de empresas do comércio de bens e de serviços localizadas em onze municípios do estado. O levantamento foi realizado entre os dias 2 e 6 de março de 2009.

Gráfico 5.15 – Produção industrial – RS
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.17 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2008	2009	
		Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	12 Meses
Indústria geral	100,0	-1,6	-15,1	-2,5
Alimentos	18,6	2,2	-5,3	3,5
Refino de petróleo e álcool	11,3	-11,1	24,1	-8,2
Outros produtos químicos	10,7	-8,7	-34,6	-13,9
Máquinas e equipamentos	10,6	3,7	-33,4	13,2
Veículos automotores	10,4	-10,0	-37,9	2,9
Calçados e artigos de couro	9,8	-3,9	-16,7	-11,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de fevereiro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.18 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2008	2009	
	Nov ^{2/}	Fev ^{2/}	12 Meses
IDI	0,0	-12,1	1,0
Vendas industriais	6,0	-16,5	-2,4
Pessoal ocupado	-0,9	-2,9	3,2
Horas trabalhadas	0,8	-12,6	2,5
Nuci ^{1/}	87,1	86,9	88,9

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

(Fecomércio-RS), em março, a maior parte dos empresários vislumbra crescimento anual para a atividade em 2009. Nesse sentido 42,2% projetam elevação do faturamento no ano, enquanto 43,7% estimam sua estabilidade, e 12,5%, sua redução. Quanto às possibilidades de investimentos na empresa, 57,1% pretendem ampliar seus negócios em 2009, enquanto 42,9% não sabem ou não definiram sua estratégia.

A produção da indústria de transformação gaúcha decresceu 2,5% no período de doze meses encerrados em fevereiro, em relação a igual intervalo de 2007, após expandir-se, no mesmo tipo de comparação, 4,1% em novembro, de acordo com a PIM-PF do IBGE. Sete das quatorze atividades consideradas na pesquisa, representando 53,7% da produção do estado, registraram retrações em fevereiro, com destaque para outros produtos químicos, 13,9%; e calçados e artigos de couro, 11,6%, esta impactada, em parte, pela redução das exportações no período. Em sentido oposto, ressaltam-se os desempenhos favoráveis dos segmentos máquinas e equipamentos, 13,2%; e alimentos, 3,5%. No mesmo período, o Índice de Desempenho Industrial (IDI)⁵ da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) cresceu 1%; as horas trabalhadas, 2,5%; o emprego, 3,2%; e o Nuci, 1,1 p.p., enquanto as vendas industriais se retraíram 2,4%.

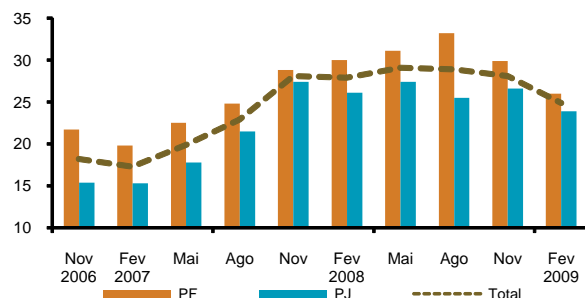
A indústria gaúcha, refletindo o acirramento da crise na economia mundial, registrou recuo de 15,1% no trimestre encerrado em fevereiro de 2009, em relação ao finalizado em novembro, considerados dados dessazonalizados. Das quatorze atividades pesquisadas, treze assinalaram retração no período, com destaque para metalurgia básica, 45,8%; veículos automotores, 37,9%; e outros produtos químicos, 34,6%. A indústria de bebidas cresceu 6,6% no trimestre. Em relação à evolução, na margem, dos indicadores da Fiergs, resalte-se, no mesmo período, o recuo de 12,1% observado no IDI, pressionado pelas reduções registradas na utilização da capacidade instalada, 0,2 p.p.; nas vendas, 16,5%; nas horas trabalhadas, 12,6%; e no pessoal ocupado, 2,9%. O declínio das horas trabalhadas refletiu, em especial, a concessão de férias coletivas no período, que implicou em recuo de 48,2 p.p. no Nuci da atividade metalurgia básica.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei-RS), calculado pela Fiergs, atingiu, na escala de zero a cem, 45 pontos em janeiro, recuando cinco pontos em relação a outubro e quinze pontos ante igual mês de 2008.

5/ O IDI é calculado a partir das seguintes variáveis: vendas totais, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada, compras totais, pessoal empregado total e remuneração paga aos trabalhadores.

Gráfico 5.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS^{1/}

Varição em 12 meses - %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

O desempenho trimestral refletiu, em especial, a retração, de 46 para 34 pontos, no componente que avalia as condições atuais, impactado pela redução, de 43 para 26 pontos, no item relativo à avaliação da economia brasileira. O item que considera as expectativas quanto ao desempenho das empresas manteve-se na zona de otimismo, em 54 pontos, retraindo 1 ponto no trimestre.

A Pesquisa do Mercado Imobiliário, realizada mensalmente pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS) em Porto Alegre, indicou elevação da taxa de velocidade⁶ das vendas de imóveis novos em janeiro, que atingiu 8,5% no mês, ante 6,4% em dezembro e 13,6% em setembro de 2008. Em termos absolutos, foram comercializadas 269 unidades novas em janeiro, sendo 45,7% de imóveis comerciais, salas e lojas. Segundo o Sinduscon-RS, esse resultado pode indicar a existência de efeito substituição ou troca de ativos, com investidores migrando de posições em ativos financeiros para ativos imobiliários, em busca de segurança numa conjuntura de crise.

Outros indicadores relativos à indústria da construção sugerem que o seu desempenho na capital vem sendo impactado com menor intensidade do que no estado. Nesse sentido, as vendas de material de construção, que, de acordo com dados dessazonalizados do IBGE, recuaram 13,2% no estado, no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, registraram, de acordo com a Fecomércio-RS e a FEE, retração de 3,7% na capital, no mesmo período.

Tabela 5.19 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		Variação % 2009/2008
	Produção 2008	2009 ^{1/}	
Grãos	22 960	23 302	1,5
Arroz (em casca)	7 371	7 771	5,4
Feijão	102	124	21,5
Milho	5 322	4 697	-11,7
Soja	7 773	8 596	10,6
Trigo	2 058	1 783	-13,4
Outras lavouras			
Fumo	446	442	-0,8
Maçã	515	557	8,1
Uva	776	753	-3,0
Mandioca	1 340	1 327	-1,0

Fonte: IBGE

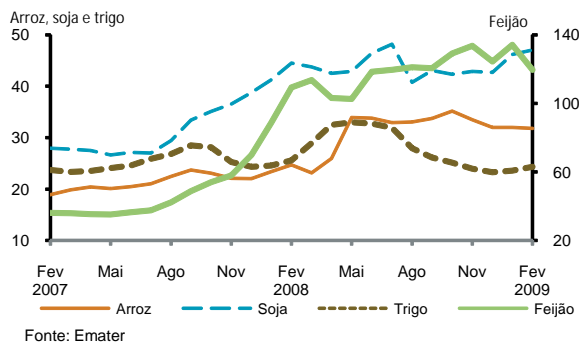
1/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2009.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$79,4 bilhões em fevereiro, expandindo-se 1,7% no trimestre e 24,9% em doze meses. Os empréstimos para pessoas físicas totalizaram R\$37,2 bilhões, elevando-se, na ordem, 2% e 26%, enquanto o saldo do segmento de pessoas jurídicas somou R\$42,1 bilhões, registrando variações respectivas 1,5% e 23,9%. A perda de dinamismo das operações de crédito no trimestre refletiu, em especial, os desempenhos nas modalidades crédito pessoal e financiamentos de veículos, no segmento de pessoas físicas, e empréstimos para capital de giro e financiamentos para projetos, no âmbito das pessoas jurídicas.

A produção de grãos do Rio Grande do Sul deverá apresentar crescimento anual de 1,5% em 2009, ante recuo de 6,5% projetado em âmbito nacional, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. Essa projeção reflete tanto a frustração da colheita de milho, prejudicada pela seca

6/ Relação entre as vendas e a oferta de imóveis novos.

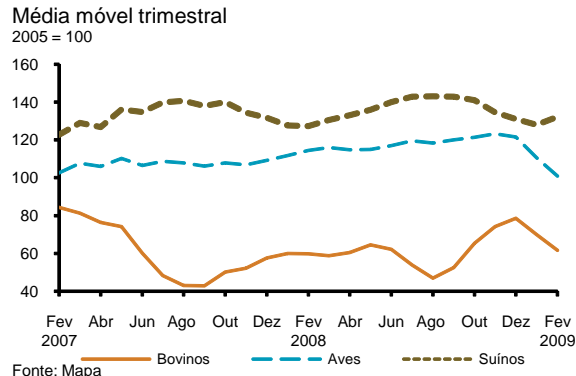
Gráfico 5.17 – Preços médios mensais pagos ao produtor – RS (R\$/saca)



acentuada ocorrida ao final de 2008, quanto a estimativa de retração na safra de trigo, contrastando com as perspectivas favoráveis em relação aos demais grãos de importância na composição do produto do estado, em especial feijão, arroz e soja. De acordo com a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), a evolução dos preços pagos aos produtores no primeiro trimestre, em relação a igual período do ano anterior, registrou ganhos para o arroz, 30,5%; e declínios para o milho, 24,8%; feijão, 14,9%; e trigo, 7,1%. Nesse sentido, de acordo com a Emater/RS, registraram-se, no período, aumentos nos preços do arroz, 30,5%, e declínios nos referentes a milho, 24,8%; feijão, 14,9%; e trigo, 7,1%.

As culturas permanentes de maior relevância no estado são as relativas a maçã e uva, que responderam, respectivamente, por 47,6% e 55,2% do total produzido no país em 2008, e deverão registrar, na ordem, crescimento de 8,1% e retração de 3% em 2009. Os preços desses produtos, de acordo com Emater/RS, registraram elevações respectivas de 27,6% e 17,1% no trimestre encerrado em março, em relação a igual período de 2008.

Gráfico 5.18 – Abates de animais – RS



A pecuária gaúcha apresentou resultados positivos em 2008, expressos, de acordo com estatísticas do Mapa, em crescimentos nos abates de aves, 10,5%; bovinos, 4,2%; e suínos, 2,1%. Os abates de aves registraram redução de 21,7% no primeiro bimestre de 2009, em relação ao mesmo período do ano anterior, reflexo, em parte, da redução de 7,7% nas exportações dessas carnes, enquanto os referentes a bovinos recuaram 11,1%, e os relativos a suínos aumentaram 1,5%. Os preços das carnes de bovinos, aves e suínos registraram crescimentos respectivos de 12,7%, 11,3% e 1,6%, no bimestre.

Tabela 5.20 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	3 508	2 478	-29,4	-19,4
Básicos	1 134	892	-21,4	1,8
Industrializados	2 374	1 587	-33,2	-27,8
Semimanufaturados	443	191	-56,8	-22,9
Manufaturados ^{1/}	1 931	1 396	-27,7	-29,1

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O superávit da balança comercial do estado totalizou US\$681,1 milhões nos três primeiros meses do ano, ante US\$174,5 milhões em igual período de 2008, reflexo de recuos de 46,1% nas importações e de 29,4% nas exportações. A retração nesses fluxos externos traduziu reduções nas quantidades e nos preços de importantes produtos da pauta comercial do estado, ressaltando-se, nesse período, as contrações nos preços de óleo bruto de petróleo, 51%, e do óleo de soja, 29,8%.

O desempenho das exportações traduziu os recuos assinalados nas vendas de produtos básicos, 21,4%, com ênfase nas reduções dos embarques de trigo, 81,4%; soja, 47,9%; e carnes, 21,6%; semimanufaturados, 56,8%, com ênfase na contração de 65,1% nas vendas de óleo de soja;

Tabela 5.21 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	3 334	1 797	-46,1	-21,6
Bens de capital	364	434	19,4	-6,6
Matérias-primas	1 332	680	-49,0	-27,3
Bens de consumo	272	260	-4,3	-1,0
Duráveis	210	170	-19,1	-11,5
Não duráveis	61	90	46,1	11,1
Combustíveis	1 367	424	-69,0	-39,8

Fonte: MDIC/Secex

e de manufaturados, 27,7%, com destaque para a redução de 33,7% nos embarques de calçados. Consideradas por países de destino, as vendas externas apresentaram recuo generalizado no trimestre, em especial nas destinadas à Argentina, 44,9%; EUA, 23%; e Rússia, 18,2%, que, em conjunto, representaram 25,8% dos embarques do estado.

A evolução das importações refletiu as reduções nas aquisições de combustíveis, 69%; matérias-primas e produtos intermediários, 49%, impactadas pelos recuos nas compras de naftas, 61,4%, e outros cloretos de potássio, 84%; e de bens de consumo duráveis, 19,1%, em especial de outras partes e acessórios para veículos, 34,6%. Em sentido oposto, as compras de bens de capital aumentaram 19,4% e as relativas a bens de consumo não duráveis, 46,1%. Embora apresentassem recuos respectivos de 72,3% e 47,4%, em linha com a contração das importações de óleo bruto de petróleo, as aquisições à Nigéria e Argentina seguiram se constituindo nas mais expressivas do estado, representando 38,8% do total das compras no trimestre.

A exemplo do observado na região Sul, o mercado de trabalho do estado passou a evidenciar com maior intensidade, nos últimos meses, o novo ambiente econômico mundial. De acordo com o Caged/MTE, foram extintos, no trimestre encerrado em fevereiro, 24,1 mil empregos formais, ante geração de 31 mil postos, em igual período do ano anterior, dos quais 21,9 mil na indústria de transformação, com ênfase na eliminação, em conjunto, de 16,4 mil postos de trabalho nos segmentos de produtos alimentícios, metalúrgico, mecânico e calçadista. O setor agropecuário contribuiu com a geração líquida de 2,6 mil vagas, representando 26,1% do volume relativo ao trimestre encerrado em fevereiro de 2008.

A economia gaúcha gerou 90,6 mil empregos formais em 2008, volume 4% inferior ao registrado no ano anterior, ressaltando-se que, nos nove primeiros meses do ano, a geração de postos de trabalho havia aumentado 64%, em relação ao igual período de 2007.

O nível de emprego formal apresentou redução de 0,5% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando registrara, no mesmo tipo de comparação, crescimento de 0,8%, considerados dados dessazonalizados. A segmentação do resultado trimestral revela a ocorrência de retração de 2,5% no emprego da indústria de transformação, que se elevava 0,1% no trimestre terminado em novembro, contrastando com os aumentos observados nos serviços, 0,7%, e no comércio, 0,6%.

Tabela 5.22 – Evolução do emprego formal –**Rio Grande do Sul**

Novos postos de trabalho

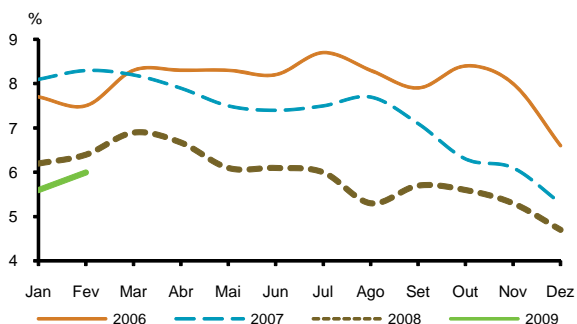
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008				2009
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	31,0	29,1	17,3	27,4	-24,1
Ind. de transformação	9,8	13,2	5,8	-5,1	-21,9
Comércio	4,0	4,3	5,0	15,7	-2,4
Serviços	5,7	8,3	10,4	12,8	-0,3
Construção civil	1,6	3,4	3,9	0,7	-1,9
Agropecuária	10,1	-1,0	-8,4	2,9	2,6
Serv. ind. de util. pública	-0,1	0,2	0,1	0,2	0,1
Outros ^{2/}	-0,1	0,7	0,5	0,2	-0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

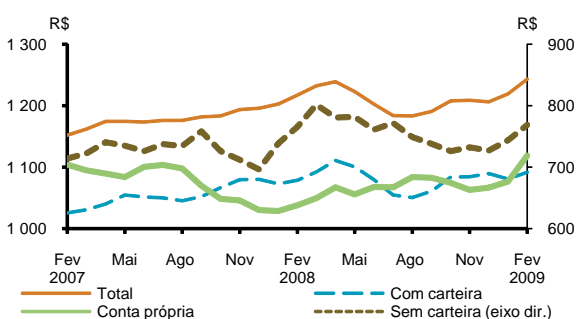
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.19 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre



Fonte: IBGE

Gráfico 5.20 – Rendimento habitual médio real^{1/} – Porto Alegre



Fonte: IBGE
1/ Média móvel trimestral, a preços de fev/09; INPC como deflator.

Tabela 5.23 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008	2009		
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	2,72	1,31	1,17	0,78
Livres	73,3	3,19	1,63	1,21	0,78
Comercializáveis	36,0	3,57	1,33	1,48	-0,37
Não-comercializáveis	37,3	2,83	1,93	0,94	1,91
Monitorados	26,7	1,47	0,43	1,08	0,78
Principais itens					
Alimentação	23,1	6,79	0,97	1,89	0,94
Habitação	14,1	1,97	1,45	1,18	-0,06
Artigos residência	4,8	0,81	1,06	1,06	-1,20
Vestuário	7,3	3,79	2,29	3,42	-1,39
Transportes	18,0	1,09	1,75	0,00	-0,09
Saúde	10,6	1,95	1,16	0,63	1,30
Despesas pessoais	10,6	2,11	1,42	1,84	1,67
Educação	6,5	-0,07	0,52	0,17	6,59
Comunicação	4,9	0,46	0,60	0,06	0,40

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2009.

De acordo com a PME do IBGE, a taxa de desemprego aberto na RMPA atingiu 6% em fevereiro, ante 6,4% em igual mês de 2008. Essa redução, que refletiu decréscimos de 1,8% na PEA e de 1,4% na ocupação, constituiu-se no vigésimo quarto resultado favorável, nesse tipo de comparação. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego aumentou 0,2 p.p. em fevereiro, em relação a novembro de 2008, refletindo retrações de 2,8% na ocupação e de 2,5% na PEA.

O rendimento médio real habitualmente recebido na RMPA aumentou 2,2% em fevereiro, em relação igual mês do ano anterior, e 6% em comparação a novembro. O aumento trimestral traduziu crescimentos nas remunerações dos trabalhadores por conta própria, 11,9%; do setor público, 8,6%; e dos empregados do setor privado sem carteira assinada, 10,3%, e com carteira assinada, 3,1%. A massa salarial na RMPA apresentou, em fevereiro, retrações de 1% em relação a novembro e de 0,3% em doze meses.

O IPCA da RMPA variou 0,78% no primeiro trimestre de 2009, ante elevação de 1,23% registrada pelo índice nacional. A desaceleração de 0,39 p.p., assinalada em relação ao trimestre encerrado em dezembro de 2008, decorreu de menores variações tanto nos preços livres, 0,78% ante 1,21%, quanto nos monitorados, 0,78% ante 1,08%.

A evolução dos preços livres refletiu o impacto da variação de 1,91% observada no grupo de bens não comercializáveis, impulsionada, em especial, pelos aumentos nos itens cursos, alimentação fora do domicílio e empregado doméstico, que exerceram contribuições individuais respectivas de 0,33 p.p., 0,09 p.p. e 0,8 p.p. para o índice. Esse efeito foi neutralizado, em parte, pela deflação de 0,37% observada nos preços dos bens comercializáveis, favorecida pelas reduções nos preços do automóvel novo, 5,12%, em função da redução da alíquota do IPI; roupas, 2,03%; e calçados e acessórios, 1,17%, ambas evidenciando as liquidações sazonais do período.

A desaceleração dos preços monitorados traduziu, em grande parte, a redução de 2,71% no item energia elétrica, derivada da redução dos percentuais do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) incidentes nas contas de luz, enquanto, em sentido inverso, o reajuste em ônibus urbano exerceu contribuição individual de 0,23 p.p. para a variação trimestral do IPCA.

O IPCA da RMPA aumentou 6,11% no período de doze meses encerrado em março, variação 0,5 p.p. superior

à assinalada pelo indicador nacional. Essa evolução refletiu, em parte, o crescimento de 6,97% nos preços livres, 0,53 p.p. superior à média do país, pressionado pelo comportamento dos preços dos itens não comercializáveis, notadamente dos grupos alimentação e educação. Os preços monitorados elevaram-se 3,81% no período, ante média de 3,68% no país.

A evolução recente dos principais indicadores relacionados à economia do Rio Grande do Sul sugere que o arrefecimento experimentado pela atividade econômica do país nos últimos meses de 2008, em resposta ao acirramento da crise nos mercados financeiros internacionais, ocorreu com menor intensidade na economia gaúcha do que em âmbito nacional. Nesse sentido, embora a indústria do estado registrasse recuo expressivo no trimestre encerrado em fevereiro, interrompendo ciclo de crescimento acentuado, a evolução recente dos indicadores do mercado de trabalho, incorporando a ocorrência de contratações líquidas no primeiro bimestre do ano; as perspectivas de elevação na produção de grãos para 2009; e o otimismo dos empresários quanto à evolução de seus negócios nos próximos meses, situam favoravelmente a economia gaúcha nesse contexto de crise.